

a sustentará e guiará a cada passo, qual se fôra um sêr viço. A riqueza também é um feixe de impulsos causais que contêm, inexoráveis, seus efeitos, os quais cedo ou tarde se manifestarão em ato. Se a riqueza nasceu mal, acarreta males; se nasceu bem, produz bens.

Tendes a riqueza por uma quantidade homogênea, igual em toda parte. Preciso se faz completar esse conceito economico com outros fatores que nele sempre se introduzem. Ela é uma força em movimento, que se manifestará sob a forma em que foi definida no momento da sua genese. Daí o haver diferença entre riqueza e riqueza. Aquilo que foi mal ganho não trará vantagem e sim dano. Ha dinheiro que não pode proporcionar satisfação. Possui-lo não é ganho, é perda; não é riqueza, mas pobreza. Aquela se impregnou, substancialmente, de qualidades negativas e ficou sendo uma força de destruição. Impossível de apagar-se, o seu vicio de origem a tornará causa de ruína, até que ela propria haja desaparecido, por exaustão da causa, pois que o mal é negação e nega, antes de tudo, a si proprio, até a completa autoeliminação. Ha dinheiro maldito que só ocasiona maldição a quem o possui: o dinheiro com que foi pago o campo de Aeldama.

Estes meus pontos de vista interiores iluminam diversamente todo o fenomeno economico e, mostrando-vos uma realidade mais profunda, relem para o absurdo os vossos conceitos mais comuns neste campo, conceitos que aceitais por ignorardes as leis substanciais da vida. E' assim que o vosso tempo tem a ingenuidade de crer superfluo o considerar, de modo tão sutil, *como se* acumula a riqueza, achando que para isso todos os meios servem. Dessa maneira, semeiam-se levemente germens destrutivos no seio dos proprios capitais. Falo nos termos de uma moral científica exata, utilitaria, necessitaria, portanto, mesmo ao ladrão. E' tão facil crer que o furto traga utilidade! Ora, é pueril o esforço para fraudar a pobre lei humana, desde que não é possível alterar, nos fenomenos, a lei intima, que vigia misteriosa e potente, e surge inata neles, a todo momento. Pelos atalhos da usurpação não se pode chegar a outro resultado, que não seja a reação. Rejubilem os sedentos de justiça, que sofrem com a visão das injustiças humanas. Ha um equilibrio profundo, ao qual em vão tentará fugir o mau, ainda que momentaneamente triunfe. Tremei, vós a quem a injustiça de um instante ha dado razão, porquanto um dia chorareis, esmagados pelas consequencias das vossas ações, que nenhum tempo será capaz de destruir e que vos seguirão por toda parte. Mesmo que o não percebaís, o imponderavel vos alcançará para ferir-vos. O dinheiro mal adquirido é uma sêta envenenada que se vos enterrará nas carnes. Coisa alguma tão caro custa, quanto o desbarato do sangue humano e o mundo está cheio do dinheiro de Judas, cevado de traições, verdadeiro estérco do demonio, que vos sufocará, fazendo que sob os vossos pés a terra se cave em abismos. E' contra

esse dinheiro e não contra aquele que é justa mercê do trabalho, que se ergue a maldição de Deus.

XCIV — Da fase edonistica á fase colaboracionista.

Como vêdes, enfrento e resolvo todos os problemas economicos, remontando ás suas fontes, que se encontram na alma humana. A solução é radical, substancial e, sobretudo, muito simples. Também no campo economico temos observado as profundezas, ultrapassando a forma, para chegar á substancia. Substitui a *premissa edonistica pela premissa colaboracionista*, elevando o ético minimo das ciencias economicas, dando-lhe um conteúdo moral. Levei assim o fenomeno economico a um nivel imensamente mais alto. Fiz, principalmente, que visseis a sua evolução e a sua forma futura. Indiquei-vos o caminho para transpordes a *velha economia edonistica* e lançardes as bases de uma nova *economia colaboracionista*, por meio de teoremas expostos diversamente e que tereis de desenvolver. Enquanto que a fase edonistica enterra as suas raizes na involução subhumana, a fase colaboracionista é uma decisiva aproximação da perfeição evangelica. E não podiamos deixar de encontrar, também no campo economico, como em todos os que temos percorrido, as duas leis consecutivas entre as quais oscila a maturação biologico-humana, leis essas sucessivas que em todos os campos provam a evolução: evolução no trabalho, na renuncia, na dor, no amor, da força para o direito, do egoismo para o altruismo, da guerra para a paz, da concorrência para o colaboracionismo, do animal para o homem e para o superhomem, da desordem para a ordem, para a justiça, para o Evangelho, do mal para o bem.

A vossa supercultura faz do fenomeno economico um problema complexo, somente acessível aos tecnicos, que, entretanto, nada resolvem, e sobrevêm as crises, verdadeiras rajadas economicas que tudo despedaçam em seu caminho. Falo-vos simplesmente da lei, *de uma ordem universal, de uma ordem ética com a qual é preciso saber harmonizar essa menor ordem economica*. Sabeis avaliar com exatidão matematica o que vos revela toda a fisionomia do fenomeno, a face interior do seu ser e do seu tornar-se; mas, ele permanece isolado e na sua sensibilidade sofre repercussões provenientes de impulsos psicologicos e morais que vos escapam. Reconduzo tudo a uma atitude de espirito e toco as raizes que estão no campo das motivações. Que é, porém, o que pretendeis obter no mundo economico, se ha na sua base um principio de destruição, o egoismo, do qual se acham penetrados todos os atos, acompanhando-os ele como um mal originario que mina os fundamentos do edificio economico? Experimentam-se todos os mais complexos sistemas, tudo se tenta mudar, mas o egoismo humano se conserva intacto e com

isso a substancia das coisas. Não se constroee com semelhantes materiais. Enquanto o homem for o que é, incapaz de ascender da fase edonistica á fase colaboracionista, inutil será cogitar de sistemas distributivos. *E' necessario fazer o homem, antes de fazer programas sociais, e fazer estes programas somente para fazer o homem.* E' necessario transformar o problema economico em problema ético.

Se o *do ut des* é uma necessidade psicologica do mundo humano, se a necessidade é o unico meio de obter-se trabalho do individuo, se a inconciencia ignora a função social da atividade economica, se a grande maquina não se pode mover senão pela mola edonistica, então contentai-vos com os resultados que conseguis e que esse sistema pode dar. Podeis dizer que inutil é o meu falar, mas, eu vos digo que não é inutil o vosso sofrer, porque, sensibilizando-se a vossa psicologia, ela um dia compreenderá a enorme vantagem de libertar-se desse continuo esforço coletivo de reciprocas demolições e reagirá, moderando o egoismo até domina-lo, transformando-o em fraterna colaboração. Contentai-vos hoje com a realização da justiça maxima que o sistema permite, a do equilibrio entre o dar e o ter, e com o igualar o balanço do egoismo. Todavia, é facto incontestado que ele não pode produzir mais do que trabalhos de ordem inferior e que o sistema não basta, mal se trate de prestimos em que a função coletiva é substancial. Por demais baixo é o minimo ético do mundo economico para sustenta-lo.

Ha na sociedade humana *funções super-economicas* que, de facto, entram de novo no campo economico edonistico e como tais são substancialmente entendidas, ao passo que o conteúdo moral delas devera preponderar. Imaginai a que degradação é condenado o principio de função social, encerrado nos angustos confins do principio edonistico. Ha funções economicas de conteúdo moral, verdadeiras funções sociais, que sofrem um continuo processo de degradação, porque entregues exclusivamente á lei da procura e da oferta. E' necessario que essas formas de atividade sejam atribuidas ao Estado, unico organismo ético que tem o encargo de eleva-las a função, impondo o fator moral.

Falo-vos do problema da repartição da riqueza como de um problema de destinos, reduzo as tentativas violentas de nivelamento economico a uma mentira do pobre que desejara usurpar a posição do rico e digo áquele: se a riqueza pode ter sido um furto, isto não constitue razão para que seja roubada de novo. Resolvo o problema, não com o dar razão ao pobre que agride, mas dizendo ao rico: ai de ti, se não cumprires o teu primeiro dever, que é o de ter presente o interesse de todos, no uso dos bens que te foram concedidos; ai de ti, se não souberes descer até ao pobre; dá-lhe a ele o superfluo; ai daquele que hoje goza, pois de certo não ganha para a eternidade. Mais facil é que um camelo passe por

uma fenda de agulha, do que um rico salvar-se, pois que o equilibrio não se consegue por meio de reciprocas usurpações, porém, mediante a compreensão das reciprocas necessidades. O progresso reside na concordia e na cooperação e ai de quem se faz instrumento de involução. A riqueza é uma corrente que deve circular, passando por todas as mãos, para o bem de todos. E seja tambem a beneficencia um dar de coração, que eleve, um ato de bondade que irmane os espiritos, não uma exhibição, que cava abismos de odio. Seja mesmo um dar moral, que enriquece de bens eternos.

Mostrando-vos a essencia da lei, demoli a idéia pueril de que a riqueza haja de ser felicidade certa. Como se a posse de bens pudesse mudar o destino humano! Como se a igualdade das riquezas pudesse gerar a igualdade de destinos! Como se a justiça divina pudesse ser corrigida por sistemas distributivos! Com efeito, os que assim pensam apenas se encaminham para ilusões e novos furtos. A felicidade é um equilibrio interior de forças eternas, ao passo que a riqueza é uma superposição exterior e momentanea, não uma qualidade da alma, e não tem capacidade para fechar, de facto, as portas á dor. Aponto-vos a riqueza, não, qual vos parece, como um privilegio, mas como uma prova, ás vezes, até, uma punição, sempre um dever e uma responsabilidade. O habito da satisfação enfraquece; a inercia favorece a atrofia e abre as portas á destruição. Tambem neste campo a lei de equilibrio impera, pois que os primeiros serão os ultimos e os ultimos os primeiros.

XCV — A evolução da luta.

Indiquei-vos, tambem no campo economico, as vias das ascensões humanas. Se uma maquina economica a funcionar em torno do fulero edonistico é a vossa presente lei, ela aí está para demonstrar qual o atual nivel humano: luta pela conquista dos bens em quantidade limitada, abaixo da necessidade, luta sempre, em todos os campos necessario esforço de evolução, condição de conquistas e superamentos, construção de mais perfeitas estruturas economicas. Tambem a luta aqui tende para psiquismos mais evidentes e, se bem possa parecer dura e tormentosa, é justa, pois que existe, como justo é tudo o que existe. Ela *exprime o homem*, é o maximo de justiça que este pode hoje realizar. Ela, porém, avança. Desde que a cada novo melhoramento o habito tende a extinguir o gozo, automatica é a demolição de cada conquista de felicidade e tudo se reduz a criação de novas necessidades. Mas, a alma é uma mina de desejos e, se na sua insaciabilidade o gozo é sempre uma miragem, *a progressão das miragens constitue a senda do progresso* e é essa a impulsão que vos faz avançar. Tudo se reduz não a uma ilusão perpetua, mas a uma continua expansão e